

# O uso do poder e os direitos humanos

ROGÉRIO SCHIETTI MACHADO CRUZ

Procurador-geral de Justiça do  
Distrito Federal

*"Nossa maior riqueza como seres humanos é a de sermos capazes de criar projetos que acrescentem valor à vida dos outros."*

*Felipe Gonzáles,  
ex-primeiro-ministro da Espanha*

**É** motivo de orgulho para todos nós haveremos contado, nas operações do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, com um brasileiro, Sérgio Vieira de Melo, que se tornou mártir ao perder a vida buscando o triunfo da paz e da liberdade na Terra. Seu exemplo certamente influenciou o amigo Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, que, recentemente, sublinhou que o momento é "de atos e não de palavras — momento de implementar os compromissos assumidos e deixar para trás o terreno das aspirações, em direção ao terreno das operações".

Norberto Bobbio, por sua vez, enfatiza que não devemos nos ocupar, atualmente, apenas de saber os fundamentos dos direitos, quais e quantos

são eles, se são naturais ou históricos, absolutos ou relativos. É preciso, sim, encontrar meios eficazes para impedir que, não obstante as solenes declarações dos tratados internacionais, ou das constituições internas dos países, continuem a ser rotineiramente violados. Devemos avançar — acentua o filósofo italiano — da teoria dos direitos para a sua prática, do "direito pensado para o direito realizado".

É o que imaginamos se possa alcançar a partir do momento em que cada um dos que carregamos a responsabilidade de viver em condições tão privilegiadas, em um país que, nas palavras de Eric Hobsbawm, é um "monumento à negligência social", assumir e levar adiante o compromisso de realizar, na sua esfera de poder e de possibilidades, o que for necessário para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e do planeta. Não é tempo para neutralidade de posições.

A simpatia, por uma causa ou por um ideal, "que não leve à ação positiva de alguma espécie torna-se uma ferida ulcerada" (Alice Bailey). A ação positiva em questão conduz à eliminação do ódio, como primeira atitude prática a ser tomada, porque esse sentimento cega a visão e favorece o crescimento do medo e do horror, cada vez mais per-

ceptíveis na sociedade pós-moderna.

Nesses tempos de graves tensões e conflitos entre algumas nações, tempos em que o terror e a barbárie de indivíduos, de grupos armados e de Estados parecem comprometer a própria idéia de civilização moderna, mostra-se indispensável exigir uma firme crença na importância de difundir a cultura dos direitos humanos, a despeito das críticas e observações pejorativas de segmentos da população, que não conseguem entender "as vozes ocultas da história" (Bobbio), a reclamarem novos paradigmas e novas soluções para antigos problemas.

Para aqueles que exercem alguma forma de poder, é imperioso terem a percepção de que o poder não é algo que se possui, mas que se exerce, de modo a permitir ao seu usuário direcioná-lo para o norte ou para o sul, para baixo ou para cima, para as trevas ou para a luz.

Encontramo-nos em um estágio evolutivo em que a violação intolerável a direitos de minorias raciais, étnicas, religiosas etc, ocorrida em determinado ponto da Terra, interfere no bem-estar da comunidade planetária. A postura provinciana, feudal e isolacionista de alguns — ao reagirem, por exemplo, às inspeções e às recomendações da

ONU, por considerá-las ofensivas à soberania interna do Estado observado — é ainda um resquício, cada vez mais tênue, de um tempo em que os direitos fundamentais da pessoa humana eram assuntos a ser resolvidos apenas pelos respectivos Estados, nos limites de suas fronteiras geopolíticas.

Chegará, porém, o tempo em que o sentimento de inclusividade e de unidade entre todos os habitantes da Terra nos fará perceber que nos cabe, por nossas atitudes, garantir o direito à liberdade e à dignidade de cada indivíduo e de cada nação. Tudo isso pode parecer utopia. Mas os direitos humanos como utopia não têm nada a ver com a imaginação de uma sociedade ideal impossível. Na verdade, "o que caracteriza utopia é literalmente a construção de um espaço utópico, um espaço social fora dos parâmetros existentes, dos parâmetros do que parece possível no universo social existente. 'Utópico' é um gesto que muda as coordenadas do possível" (Slavoj Žižek). Isso implica ações corajosas, que, atentas ao retrovisor da história, mirem o horizonte descortinado à frente de nosso tempo. É o que se espera de quem, nos limites de seu poder, tem a possibilidade de definir as coordenadas do futuro.